ATA DA QUINTA REUNIÃO ORDINÁRIA DO COMITÊ DE INVESTIMENTOS MAIO - 2026

1) ABERTURA

Aos vinte dias do mês de maio de 2026, às 09h00, na sede do Fundo Previdenciário dos Servidores Públicos de Praia Grande, sito à Rua Jaú nº 880, Sala 54, Praia Grande/SP, reuniram-se os membros do Comitê de Investimentos: Cristiano de Mola (participação por videoconferência), Gilmar Augusto Garcia, Miriam Tamasiro, Vania Maria de Carvalho Sanchez e Victor Lopes Schiavetti.
Dando início à reunião, o Presidente do Comitê agradeceu a presença de todos e apresentou a ordem do dia, que compreendeu:

- análise do cenário macroeconômico referente ao mês de abril de 2026;
- apreciação do Relatório Analítico dos Investimentos do mesmo período;
- verificação do enquadramento da carteira à luz da Resolução CMN nº 5.272/2025 e da Política de Investimentos de 2026; e
- considerações finais.

Na sequência, os membros passaram à análise dos itens constantes da pauta.

2) ANÁLISE DO CENÁRIO MACROECONÔMICO

Foram apresentados aos membros do Comitê o Panorama Econômico de abril de 2026, emitido pela Consultoria em Investimentos Crédito e Mercado Gestão de Valores Mobiliários Ltda. Após lido, discutido e aprovado, o relatório passa a integrar a presente Ata, constando, na sequência, a Síntese da Leitura do Panorama Econômico dos períodos analisados. O Comitê tomou ciência do cenário econômico global e doméstico apresentado, registrando que as projeções de política monetária, a dinâmica da curva de juros, o comportamento dos mercados internacionais e os indicadores de atividade impactam diretamente a estratégia de alocação da carteira do FPGPREV, servindo de base técnica para as análises e deliberações subsequentes.
SÍNTESE DA LEITURA DO PANORAMA ECONÔMICO DOS PERÍODOS ANALISADOS
Abril de 2026 pode ser resumido em uma palavra: virada. Depois de um março dominado pelo medo, a sinalização de um cessar-fogo entre Estados Unidos e Irã, ainda frágil, ainda sujeito a recaídas, foi suficiente para redesenhar o humor global. O petróleo, que havia chegado a 120 dólares no pico da crise, recuou para a faixa dos 90 dólares ao final do mês. As bolsas respiraram. O dólar cedeu. E o Brasil, que já entrava no mês como a maior aposta dos emergentes, confirmou esse status com uma sequência histórica: o Ibovespa bateu novos recordes, o dólar caiu abaixo de R$ 5,00 pela primeira vez em dois anos, e o Copom realizou seu segundo corte consecutivo da Selic, levando a taxa para 14,50% ao ano.
Mas abril também foi o mês que testou os limites do otimismo. A inflação global continuou subindo: o CPI americano saltou para 3,8% ao ano, o maior desde 2023, enquanto o IPCA de abril fechou em 0,67% (abaixo dos 0,88% de março), com acumulado em 12 meses em 4,39%, próximo do teto da meta, pressionado por alimentos e saúde. O BCE manteve os juros em 2%, mas sinalizou com clareza que a alta virá em junho caso as pressões de energia persistam. E os PMIs da zona do euro romperam a barreira de 50 pontos para baixo nos serviços, sinalizando que a recuperação econômica europeia está em risco.
A narrativa do mês é, portanto, de uma bifurcação: um caminho leva ao alívio geopolítico com normalização gradual da inflação e retomada do crescimento; o outro, a um conflito prolongado que cristaliza a estagflação. Quem acertou abril navegou nessa dualidade com disciplina e o Brasil foi, mais uma vez, o melhor ativo do mundo para esse exercício.

ESTADOS UNIDOS

CURVA DE JUROS

Em abril de 2026, a curva de juros americana viveu dois momentos distintos, separados pela sinalização de um possível cessar-fogo no Oriente Médio. Na primeira quinzena, com o conflito ainda no auge, os Treasuries de 10 anos chegaram a ser negociados acima de 4,40%, refletindo o temor de que a inflação energética pudesse se tornar estrutural. Na segunda quinzena, com o petróleo recuando para a faixa dos 90 dólares, as taxas longas cederam para perto de 4,20%, devolvendo parte da alta.

O spread entre os vértices de 10 e 2 anos se manteve positivo em torno de 50 a 60 pontos base ao longo de todo o mês, confirmando que o mercado continua sem precificar recessão imediata, mas também sem enxergar qualquer corte de juros pelo Fed até pelo menos o final de 2026. A curva, na prática, está "empedrada": com o Fed em modo de espera e a inflação teimosamente acima da meta, não há força suficiente para mover significativamente as taxas em nenhuma das direções.

DOLLAR INDEX (DXY)

O Dollar Index (DXY) registrou queda expressiva em abril, encerrando o mês abaixo dos 98 pontos, o menor nível em mais de um ano. A combinação de três fatores explica o movimento: o recuo do petróleo com o cessar-fogo reduziu a demanda por dólar como ativo de refúgio; os dados econômicos americanos mais fracos (PIB revisado para baixo, payroll negativo em fevereiro) tiraram parte do prêmio de crescimento do dólar; e a percepção de que o Fed ficará parado por mais tempo: sem cortes, mas também sem altas, retirou o diferencial de taxa como catalisador de valorização da moeda. O movimento global foi de desmonte de posições defensivas dolarizadas, beneficiando especialmente as moedas emergentes como o real brasileiro.

MERCADO DE TRABALHO

O mercado de trabalho americano continuou enviando sinais mistos em abril. O payroll de março mostrou criação modesta de vagas, bem abaixo da média histórica, enquanto a taxa de desemprego se estabilizou em 4,4%. Os setores de energia e defesa seguiram contratando na esteira do conflito geopolítico, mas tecnologia, varejo e serviços ao consumidor mostraram cautela, reflexo direto da compressão de margens causada pelo petróleo caro. Os salários continuaram crescendo em torno de 3,8% ao ano, ritmo que, com inflação em 3,8% no acumulado de 12 meses, resulta em praticamente zero de ganho real para o trabalhador americano.

INFLAÇÃO

O CPI de março de 2026, divulgado em abril, foi a leitura mais dura do ano. A inflação acelerou de 3,30% para 3,80% no acumulado de 12 meses, o maior nível desde maio de 2023 e acima das expectativas do mercado, que projetavam 3,70%. Em termos mensais, os preços subiram 0,6% em abril (ante 0,9% em março), uma desaceleração que já refletia o recuo parcial do petróleo. A energia foi a grande responsável, com alta de 17,90% ao ano em abril, enquanto os alimentos aceleraram para 3,20% e a inflação núcleo (que exclui energia e alimentos) subiu para 2,80%, acima dos 2,6% de março e acima das expectativas de 2,60%.

O dado mais preocupante foi justamente o núcleo: ao contrário do que o Fed esperava, a inflação subjacente acelerou mesmo com o impacto geopolítico sendo parcialmente absorvido. Isso significa que há pressões de preços estruturais na economia americana que vão além do petróleo e que o caminho de volta à meta de 2% se tornou ainda mais longo.

JUROS

Na reunião do FOMC de 28 a 29 de abril de 2026, o Federal Reserve manteve os juros no intervalo de 3,50% a 3,75% pelo terceiro encontro consecutivo. A decisão foi de 8 a 4, a maior divisão interna do comitê desde outubro de 1992. O governador Miran votou pelo corte de 0,25 ponto, enquanto outros três membros se opuseram à linguagem do comunicado que sinalizava retomada futura dos cortes, o que tornou a coletiva de Powell particularmente complexa.

O comunicado reconheceu explicitamente que os "desenvolvimentos no Oriente Médio estão contribuindo para um alto nível de incerteza sobre as perspectivas econômicas" e reiterou que o banco central está "pronto para ajustar a política conforme necessário". Powell confirmou que permanecerá como governador do Fed após o término de seu mandato como presidente, enquanto a nomeação de

Kevin Warsh como seu sucessor estava marcada para 15 de maio. O mercado passou a precificar apenas um corte de 0,25 ponto em 2026, com 52,9% de probabilidade de manutenção até o final do ano.

RENDA VARIÁVEL

Abril de 2026 foi o mês da virada para Wall Street. Depois de um março dominado pelo medo geopolítico, os mercados americanos encerraram o mês com força expressiva: o S&P 500 fechou com alta de aproximadamente 10%, seu maior ganho mensal desde novembro de 2020, enquanto o Nasdaq avançou 15% e o Dow Jones subiu 7%. Três fatores explicam a recuperação: a sinalização de cessar-fogo entre EUA e Irã retirou o principal peso dos mercados; a temporada de balanços foi sólida, com 83% das empresas do S&P 500 superando as expectativas de lucro; e o setor de tecnologia voltou ao protagonismo, com Alphabet, Amazon, Meta e Microsoft divulgando balanços positivos; o lucro da Alphabet quase dobrou no período.

Para o mercado, a leitura é de que o mercado americano recuperou o fôlego, mas segue sensível a dois riscos: qualquer recrudescimento do conflito no Oriente Médio e a inflação americana, que em abril acelerou para 3,8% ao ano, o maior nível desde 2023, mantendo o Fed em modo de espera e limitando o espaço para cortes de juros.

INDICADORES DE ATIVIDADE AMERICANO

PIB

O PIB americano do primeiro trimestre de 2026 cresceu 2,0% ao ano, recuperação expressiva ante o 0,5% do quarto trimestre de 2025, mas abaixo das expectativas do mercado de 2,30%, segundo estimativa preliminar do BEA (Bureau of Economic Analysis) divulgada em 30 de abril. O dado reflete o fim dos efeitos negativos do shutdown federal de 43 dias que havia paralisado a economia no trimestre anterior. Os gastos do governo recuperaram-se em 4,4%, após terem contraído 5,6% no trimestre anterior. O investimento privado acelerou, com equipamentos e estruturas subindo 10,4%, o ritmo mais rápido em quase três anos, impulsionado por gastos em tecnologia e inteligência artificial. Por outro lado, as exportações caíram 3,2%, a maior contração desde o segundo trimestre de 2023, reflexo das tensões geopolíticas e das dificuldades logísticas geradas pelo conflito no Oriente Médio.

O FMI revisou sua projeção de crescimento dos EUA para 2,3% em 2026 (de 2,4% anterior), com inflação projetada em 3,2% no ano.

PMI

Os PMIs americanos de abril trouxeram uma surpresa positiva para a manufatura e uma recuperação esperada nos serviços. O PMI Industrial da S&P Global subiu de 52,3 em março para 54,5 em abril na leitura final, o maior nível desde maio de 2022, impulsionado por novos pedidos acelerando ao ritmo mais rápido em quatro anos e produção no pico desde abril de 2022. Parte do movimento refletiu estoques preventivos das empresas, que anteciparam compras para se proteger de rupturas na cadeia logística.

O PMI de Serviços S&P Global recuperou de 49,8 para 51,0 em abril, retorno ao campo de expansão após o colapso de março, mas de forma marginal e bem abaixo da média histórica. O setor de serviços ao consumidor ainda sofreu, com gastos discricionários contidos pelos combustíveis caros. Já o PMI Composto avançou de 50,3 para 51,0, sinalizando crescimento, porém fraco.

ZONA DO EURO

INFLAÇÃO

A inflação da Zona do Euro deu um salto em abril de 2026, atingindo a marca de 3,00% ao ano, o maior nível desde julho de 2024 e bem acima dos 2,6% de março. A energia foi a grande vilã, com custos disparando 17,9% ao ano, enquanto os alimentos aceleraram para 3,20%. A inflação núcleo (excluindo energia e alimentos) subiu para 2,8%, acima dos 2,6% de março, indicando que as pressões inflacionárias começam a se espalhar para além do choque energético. Portugal registrou inflação de 3,30%, acima da média da zona, refletindo exposição maior ao encarecimento do transporte marítimo.

JUROS

Na reunião de 30 de abril de 2026, o Banco Central Europeu manteve as taxas inalteradas pelo terceiro encontro consecutivo. A taxa de Facilidade Permanente de Depósito (s*e o banco guarda dinheiro no BCE, recebe a taxa de Depósito)* permaneceu em 2,00% e a de Refinanciamento em 2,15% *(se o banco pede dinheiro emprestado ao BCE paga a taxa de Refinanciamento)*. A decisão foi unânime, mas Christine Lagarde deixou claro que foi "profundamente debatida", incluindo a possibilidade de um aumento já em abril. O comunicado apontou que os riscos para a inflação "intensificaram-se", enquanto os riscos para o crescimento migraram para o lado negativo.

O mercado interpretou o comunicado como um sinal claro: a alta virá em junho. Analistas passaram a precificar integralmente uma elevação de 0,25 ponto para 2,25% em junho, com a taxa podendo alcançar 2,50% até o final de 2026. Para o Brasil e demais emergentes, esse cenário é relevante: à medida que o diferencial de juros entre o Brasil (14,50%) e a Europa (2,0%) for se estreitando a atratividade relativa dos ativos brasileiros pode ser afetada. Por ora, porém, o diferencial segue amplo o suficiente para sustentar o fluxo de carry trade em favor do real.

INDICADORES DE ATIVIDADE DA ZONA DO EURO

PMI

Abril trouxe uma divisão marcante nos PMIs europeus: a indústria acelerou, mas os serviços entraram em colapso. O PMI Industrial da Zona do Euro subiu de 51,6 em março para 52,2 em abril, o maior nível em 47 meses e, pela primeira vez desde junho de 2022, todos os oito países monitorados superaram simultaneamente a linha de 50 pontos. O motor foi a reabertura gradual das rotas comerciais e a demanda reprimida por bens industriais acumulada durante o pico do conflito.

Em sentido oposto, o PMI de Serviços despencou de 50,2 em março para 47,4 em abril, o menor nível em 62 meses e primeira leitura em contração desde 2020. A explicação é direta: com combustíveis caros, os europeus cortaram gastos com turismo, lazer e restaurantes. O PMI Composto resultante foi de 48,6, abaixo de 50 pela primeira vez em 17 meses, contrariando todas as projeções de analistas. O resultado acendeu o alerta de possível recessão técnica para o segundo trimestre de 2026 na Europa.

CHINA

INFLAÇÃO

A inflação na China seguiu sua trajetória de gradual recuperação em abril de 2026. O choque de petróleo continuou se transmitindo para os custos de transporte e produção industrial, enquanto os preços ao produtor (PPI), que estiveram em deflação por mais de dois anos, aceleram sua saída do território negativo. O CPI (inflação ao consumidor) manteve-se moderado, mas os dados de custos industriais já mostram pressão crescente, especialmente em metais, derivados de petróleo e logística. A China, como maior importadora de petróleo do mundo, absorve de forma assimétrica qualquer choque energético global.

JUROS

O Banco Popular da China (PBOC) manteve as principais taxas de referência (LPR) inalteradas em abril, com a de 1 ano em 3,00% e a de 5 anos em 3,50%. A postura de cautela reflete o equilíbrio delicado que o banco central tenta manter: com inflação ainda baixa, haveria espaço teórico para estimular, mas a pressão de custos vindos do petróleo e as margens bancárias estreitas limitam a ação. O suporte econômico continua sendo canalizado via política fiscal, gastos em infraestrutura, subsídios e crédito direcionado, em vez de reduções generalizadas de juros.

INDICADORES DE ATIVIDADE CHINÊS

PIB

O PIB da China no primeiro trimestre de 2026 foi divulgado em 16 de abril e surpreendeu positivamente. A economia cresceu 5,0% no acumulado de 12 meses, acima da previsão de 4,80% dos economistas consultados pela Reuters e acelerando ante os 4,50% do 4T25. O resultado está no topo da faixa da meta oficial de Pequim para 2026 (4,50% a 5%), o que o NBS (Escritório Nacional de Estatísticas) classificou como uma conquista "rara e louvável" num ambiente externo "complexo e volátil". O motor do crescimento foi o aumento das exportações, especialmente de produtos ligados à inteligência artificial, antes que a guerra no Oriente Médio elevasse os custos de energia e complicasse as rotas marítimas.

O ponto de atenção veio da comparação trimestral: a economia expandiu apenas 1,30% ante o 4T25, desacelerando em relação aos 1,5% do trimestre anterior, sinal de que o ritmo interno ainda enfrenta obstáculos. As exportações cresceram apenas 2,50% em março, forte queda ante os 21,80% de janeiro a fevereiro, indicando que o pico de antecipação de pedidos já passou. Os preços de fábrica saíram da deflação em março pela primeira vez em mais de três anos, mas analistas alertam que essa "inflação ruim", impulsionada pelos custos de insumos de energia, pode comprimir ainda mais as margens corporativas já reduzidas. Para 2026, projeta-se crescimento de 4,60%, com desaceleração para 4,70% já no 2T26, uma vez que os efeitos do conflito no Oriente Médio sobre os custos de energia e a logística global comecem a pesar de forma mais direta sobre a segunda maior economia do mundo.

PMI

Os PMIs chineses de abril confirmaram o padrão de recuperação da manufatura, mas acenderam um sinal de alerta nos serviços. O PMI oficial de manufatura (NBS – *que mede a atividade de grandes empresas e estatais*) recuou marginalmente de 50,4 em março para 50,3 em abril — ainda em expansão pelo segundo mês consecutivo, superando as expectativas de 50,1. A produção acelerou para o maior ritmo em quatro meses (51,5), e os novos pedidos de exportação entraram em expansão pela primeira vez em meses (50,3), impulsionados pela demanda externa por tecnologia ligada à IA.

O PMI privado (*que mede a atividade das pequenas e médias empresas e empresas do setor privado*) deu um salto mais expressivo: subiu de 50,8 em março para 52,2 em abril, o maior nível desde dezembro de 2020, com os novos pedidos registrando o segundo maior crescimento em quase cinco anos. Esse dado reflete a dinâmica dos exportadores menores e mais ágeis, que estão se beneficiando da rota alternativa ao Estreito de Ormuz e da demanda global resiliente.

O lado negativo veio dos serviços: o PMI não manufatureiro (NBS) recuou de 50,1 em março para 49,4 em abril, de volta ao território de contração. O aumento dos preços de combustíveis e a maior incerteza sobre o crescimento econômico impediram os consumidores chineses de gastar mais em serviços. Como resultado, o PMI Composto NBS caiu de 50,5 para 50,1.

BRASIL

JUROS

Na reunião de 29 de abril de 2026, o Copom realizou o segundo corte consecutivo da Selic, reduzindo a taxa de 14,75% para 14,50% ao ano. A decisão foi unânime, com apenas seis votos, devido à ausência excepcional do diretor Rodrigo Alves Teixeira por falecimento de familiar. O comunicado foi ao mesmo tempo de alívio e de alerta: o Banco Central reconheceu que o ciclo de afrouxamento continua, mas abriu explicitamente a possibilidade de "ajustes no ritmo e extensão dessa calibração", sinalizando que os próximos cortes não são automáticos.

O ponto mais delicado do comunicado foi a revisão das projeções de inflação: o BC elevou sua estimativa para o IPCA de 2026 de 3,90% para 4,60%, ultrapassando o teto da meta de 4,50%. Isso coloca o Copom em uma posição peculiar: cortar juros enquanto projeta inflação acima do teto da meta. A justificativa é que o choque é de natureza externa (energia) e temporário, e que manter juros muito altos em uma economia que já desacelera seria inadequado. O mercado, porém, ficou mais cauteloso: o Focus revisou a projeção do IPCA 2026 para 4,91%, acima do teto da meta de 4,50%.

INFLAÇÃO

O IPCA de abril de 2026, divulgado pelo IBGE em 12 de maio, registrou alta de 0,67% no mês, abaixo dos 0,88% de março e levemente abaixo da expectativa do mercado (mediana de 0,68%). Em 12 meses, o IPCA acumula 4,39%, próximo do teto da meta de 4,50%.

A desaceleração em relação a março se deve, principalmente, à gasolina: o combustível saiu de alta de 4,59% em março para 1,86% em abril, aliviando 0,10 ponto percentual no índice. Mas o alívio veio acompanhado de novos vetores de pressão. Alimentos e Bebidas (+1,34%) e Saúde e Cuidados Pessoais (+1,16%) foram os dois maiores impactos do mês, respondendo juntos por aproximadamente dois terços do resultado. A mensagem é clara: a inflação desacelerou por razões conjunturais, mas a pressão estrutural em alimentos e serviços persiste.

Projeções de mercado (Boletim Focus): a mediana para o IPCA 2026 subiu para 4,91% a oitava alta consecutiva e acima do teto da meta de 4,50%. A Selic ao fim de 2026 foi mantida em 13,00%, com o mercado enxergando espaço menor para cortes.

INDICADORES DE ATIVIDADE BRASILEIRO

PIB

O dado oficial do PIB do primeiro trimestre de 2026 será divulgado pelo IBGE em 30 de maio de 2026, mas os indicadores antecedentes divulgados ao longo de abril pintaram um quadro consistentemente positivo. A produção industrial avançou 1,4% no primeiro trimestre ante o 4T25, revertendo a queda de 0,6% do trimestre anterior e superando as expectativas do mercado, impulsionada pela produção de derivados de petróleo (+11,50% no trimestre) e bens de consumo. O IBC-Br (prévia mensal do PIB do Banco Central) registrou alta de 0,6% em fevereiro, quinto mês consecutivo de expansão, sustentado pelo consumo das famílias beneficiado pela isenção ampliada do IR para quem ganha até R$ 5 mil e pelo mercado de trabalho resiliente.

Com base nesses dados, o mercado revisou para cima sua estimativa de crescimento do 1T26 para 3,6% anualizado na margem trimestral, elevando sua projeção do PIB anual de 2026 para 1,5%. O Boletim Focus projeta crescimento de 1,85% para 2026, enquanto a Fazenda projeta 2,30%. O alerta de consenso: o primeiro trimestre forte é sustentado por fatores temporários, safra agrícola recorde e efeito carregamento e o crescimento deve desacelerar no segundo semestre, quando os efeitos dos juros elevados e as incertezas do ano eleitoral pesarão mais sobre a atividade

PMI

Os PMIs brasileiros de abril de 2026 confirmaram o que as pesquisas de confiança já sinalizavam: o ciclo de cortes da Selic começou a produzir efeitos concretos na atividade, ainda que de forma gradual. O PMI de Serviços retomou o crescimento com mais vigor, sustentando o PMI Composto acima de 50 pontos pelo segundo mês consecutivo. O setor terciário, que responde pela maior parcela do PIB brasileiro, foi o grande amortecedor da economia, beneficiado pelo mercado de trabalho ainda resiliente e pelas expectativas positivas ligadas à Copa do Mundo FIFA 2026.

Na indústria, o PMI se aproximou ainda mais da linha de expansão em relação a março. O início do ciclo de afrouxamento monetário começa a se traduzir em maior disposição das empresas para investir e contratar. A confiança empresarial melhorou pelo segundo mês seguido. O cenário consolidado aponta para uma economia que desacelera menos do que o temido, apoiada em um setor de serviços dinâmico, um câmbio favorável para os exportadores e o impulso gradual da queda de juros.

CÂMBIO

Abril de 2026 foi o mês em que o dólar rompeu uma barreira simbólica: encerrou o mês em R$ 4,95, queda de 4,38% no mês e de cerca de 9% no acumulado de 2026. A moeda americana chegou a ser negociada abaixo de R$ 5,00 já no dia 13, pela primeira vez desde março de 2024, enquanto o Ibovespa batia sucessivos recordes históricos.

Três fatores explicam a força do real em abril. Primeiro, o acordo de cessar-fogo entre EUA e Irã reduziu o apetite global por dólar como ativo de refúgio. Segundo, a posição do Brasil como exportador líquido de petróleo, ao contrário da maioria dos emergentes, torna o real um beneficiário singular dos choques energéticos: petróleo caro melhora os termos de troca do Brasil. Terceiro, o diferencial de juros: com a Selic em 14,50%, o Brasil ainda oferece o maior juro real do mundo, mantendo o fluxo de carry trade ativo.

BOLSA DE VALORES

O Ibovespa encerrou o mês de abril praticamente estável, mas ao longo das semanas bateu quatro novos máximos históricos, chegando a 199.354 pontos intradia no dia 14, a um passo da marca simbólica dos 200 mil pontos. No acumulado do ano, o Ibovespa soma alta de 16,26%, liderando com folga os principais índices globais. O IDIV (índice de dividendos) aparece logo atrás, com 13,77% no ano.

O principal motor do movimento foi o fluxo de capital estrangeiro: em abril, a B3 registrou entrada líquida de aproximadamente R$ 11,55 bilhões, ampliando o saldo positivo do ano para quase R$ 65 bilhões, mais do que o dobro de todo o ingresso de 2025. A lógica dos estrangeiros é simples: com o dólar enfraquecido globalmente, os juros brasileiros elevados e o real apreciado, o Brasil oferece retorno real

em dólar difícil de replicar em qualquer outra economia emergente. A virada do mês, porém, mostrou que a festa tem limites: com a saída gradual de recursos estrangeiros nos últimos pregões de abril, o índice cedeu de 199 mil para encerrar em torno de 192 mil pontos.

RENDA FIXA

A renda fixa brasileira em abril de 2026 viveu um mês de contrastes marcados pelo ciclo de queda da Selic e pelo recrudescimento inflacionário. O IMA-S (Tesouro Selic) manteve seu papel de âncora do portfólio, entregando retorno próximo de 1,02% no mês, em linha com a Selic de 14,50%. A solidez do pós-fixado segue como o ativo mais defensivo em um ambiente de transição monetária.

Os títulos indexados ao IPCA tiveram desempenho positivo em abril, beneficiados tanto pela aceleração da inflação quanto pela queda das taxas longas provocada pelo cessar-fogo. O IMA-B Geral registrou retorno positivo no mês, com o IMA-B 5+ (papéis acima de cinco anos) sendo o destaque (+2,20%), ao contrário de março, quando sofreu com a abertura das taxas longas, em abril aproveitou o fechamento das taxas diante do alívio geopolítico. Já o IMA-B 5 (papéis de curto e médio prazo) entregou resultado mais estável (+1,32%), beneficiado pelo carrego da inflação crescente.

Os títulos prefixados (IRF-M) seguiram sob pressão: com o IPCA acima de 4% e as projeções do Focus apontando 4,91% para o ano, o apetite por taxas fixas de longo prazo permanece contido. O IRF-M 1 (prefixados curtos) (+0,99%), enquanto o IRF-M 1+ (prefixados longos) (+1,34%). O IMA-Geral manteve desempenho positivo (+1,34%), cumprindo seu papel de diversificação entre classes.

CONCLUSÃO, PERSPECTIVAS E RECOMENDAÇÕES

Abril de 2026 foi um mês que recompensou quem manteve equilíbrio. Depois do susto de março, com o petróleo beirando os 120 dólares e o mercado em pânico, o sinal de cessar-fogo entre EUA e Irã foi suficiente para mudar o humor global. As bolsas subiram, o dólar cedeu e o Brasil voltou a ser o destino favorito dos investidores estrangeiros: foram quase R$ 65 bilhões entrando no país ao longo do ano, mais que o dobro de todo o fluxo de 2025.

O Ibovespa chegou a 199.354 pontos a um fio dos 200 mil, o dólar fechou abril em R$ 4,95, queda de 9% no ano, e o Copom cortou a Selic pelo segundo mês seguido, levando a taxa a 14,50% ao ano.

Mas abril não foi só festa. A inflação mostrou que ainda não está domada. O IPCA de abril ficou em 0,67%, com o acumulado em 12 meses chegando a 4,39%, próximo do teto da meta de 4,50%. O mercado financeiro já projeta o IPCA de 2026 em 4,91% no Boletim Focus, a oitava revisão para cima seguida, o que coloca o Banco Central numa posição delicada: cortar juros com a inflação flertando com o teto da meta. Lá fora, o quadro também ficou mais difícil: a inflação americana subiu para 3,8% ao ano, o Fed manteve os juros em 3,50% a 3,75% pela terceira vez seguida e a Europa deu sinais preocupantes, com o PMI Composto da Zona do Euro caindo para 48,6, o primeiro sinal de contração da atividade em 17 meses.

PERSPECTIVAS

O segundo trimestre de 2026 vai girar em torno de uma única pergunta: o cessar-fogo entre EUA e Irã vai se sustentar? A resposta a essa pergunta define praticamente tudo, o preço do petróleo, a inflação global, o comportamento dos juros nos países desenvolvidos e, consequentemente, o ritmo de cortes da Selic no Brasil.

Se o acordo de paz se firmar e o petróleo recuar para a faixa de US$ 75 a US$ 80 por barril, a inflação global começa a ceder no segundo semestre. O Fed ganha espaço para retomar os cortes de juros, o BCE pode segurar a alta prevista para junho e os países emergentes, com o Brasil na liderança, continuam atraindo capital externo. Nesse cenário, o Copom pode acelerar o ritmo de cortes, a Selic pode terminar 2026 abaixo dos 13,00% que o mercado projeta hoje, o dólar segue abaixo de R$ 5,00 e o Ibovespa tem condições de romper os 200 mil pontos.

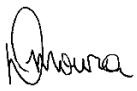
Se o conflito se prolongar, o petróleo caro vira um problema estrutural. A inflação americana pode superar 4,0% ao ano, o BCE deve subir juros em junho para 2,25%, já praticamente certo pelo mercado, e o Copom seria forçado a pausar o ciclo de cortes. A inflação brasileira fecharia 2026 acima de 5,0%, conforme já projetam XP e Itaú, e o ano eleitoral jogaria mais lenha na fogueira das incertezas.

RECOMENDAÇÃO

Diante do cenário atual e das perspectivas, recomenda-se que o RPPS adote uma estratégia de investimentos equilibrada, priorizando segurança e liquidez, mas sem deixar de aproveitar oportunidades gradualmente emergentes. De forma prática, a orientação é:

- Manter participação em renda fixa pós-fixada (CDI, GESTÃO LIVRE e IRFM 1), aproveitando o retorno elevado proporcionado pela Selic no curto prazo.
- Manter e avaliar aumento gradual de posições em IPCA+ (IMA B 5), buscando proteção contra inflação e alongamento de duration com cautela.
- Considerar incremento moderado em renda variável, priorizando setores defensivos e ativos com fundamentos sólidos.
- Avaliar exposição internacional como instrumento de diversificação e proteção contra riscos domésticos.
- Reforçar análise de crédito privado (LF, CDB, FIDC), priorizando emissores de alta qualidade e com rating consistente.

A estratégia mais adequada para o momento é de gestão ativa com foco em preservação de capital, mas já incorporando movimentos graduais para capturar ganhos futuros, alinhada à Política de Investimentos e ao perfil previdenciário de longo prazo.





Diego Lira de Moura
Economista
Consultor de Valores Mobiliários

Marcelo Silva
Contabilista
Especialista em Investimentos CEA

3) ANÁLISE DO RELATÓRIO ANALÍTICO DO MÊS DE ABRIL DE 2026

3.1 – Composição e Resultado da Carteira

A carteira totalizou, no mês de abril, saldo de **R$1.304.850.382,51**, sendo os recursos distribuídos nos seguintes segmentos:

- Renda Fixa: R$1.221.238.428,67 – **93,59%**
- Renda Variável, Estruturados e Imobiliários: R$83.611.953,84 – **6,41%**

A Carteira de Investimentos encerrou o mês de abril com retorno positivo de **R$16.541.591,83 (1,28%)**, frente à meta atuarial de **1,11%** no período.

O Presidente do Comitê esclarece, com base no entendimento da consultoria de investimentos, que o valor do Patrimônio Líquido do fundo Geração de Energia representa uma oscilação de mercado, e não uma perda concretizada. Assim, embora conste valor negativo no extrato mensal, este não deve ser subtraído de imediato do saldo de investimentos do FPGPREV, devendo ser considerado como zerado para fins de posição da carteira. Contabilmente, o valor de R$ 152.432,72 (extrato de abril/2026) deverá ser subtraído por representar a variação patrimonial do Fundo, em observância aos princípios aplicáveis ao setor público.

3.2 – Enquadramento Regulamentar

Nos termos da Resolução CMN nº 5.272/2025 e da Política de Investimentos de 2026, procedeu-se à verificação dos limites e critérios de alocação da carteira do FPGPREV.

Conforme Relatório Analítico referente ao mês de abril de 2026, constatou-se que as aplicações encontram-se aderentes aos limites estabelecidos na regulamentação vigente.

4) AVALIAÇÃO DOS INVESTIMENTOS

Foram analisadas as performances, objetivos, características, composição das carteiras, rentabilidades, taxas de administração e riscos dos fundos que integram o portfólio do FPGPREV. Em razão da alta do IPCA, que registrou 0,67% em abril/2026, a meta atuarial do período permaneceu elevada, atingindo 1,11%, mantendo-se em um patamar mais desafiador para os investimentos.

O resultado do mês de abril/2026 foi positivo (1,28%), superando a meta atuarial estabelecida para o período. O desempenho foi impulsionado principalmente pelo segmento de renda fixa, com destaque para os índices IDkA 2 e IMA-B 5, que se beneficiaram do avanço da inflação no período.

O índice pré-fixado IRF-M também apresentou valorização relevante, superando a meta atuarial, o que demonstra uma percepção do mercado de continuidade no processo de redução da taxa Selic, além do entendimento de que a elevação recente do IPCA possui caráter conjuntural, e não estrutural.

No segmento de renda variável, os retornos permaneceram abaixo do esperado, sem contribuição decisiva para o atingimento da meta, com exceção do índice S&P 500, que apresentou expressiva valorização no período. Entre os demais índices de renda fixa, o CDI, embora não tenha superado a meta atuarial, registrou desempenho próximo ao esperado, em razão da manutenção da taxa Selic em patamar elevado.

O desempenho obtido no mês demonstra que as estratégias de alocação de recursos adotadas permanecem alinhadas às tendências do mercado, proporcionando maior proteção em um cenário inflacionário adverso e contribuindo para o cumprimento da meta atuarial.

5) ANÁLISE DO FLUXO DE CAIXA E PROPOSIÇÕES DE APLICAÇÃO E RESGATE

O Comitê de Investimentos analisou o fluxo de caixa no período, avaliando as entradas e saídas de recursos, bem como as necessidades operacionais e estratégicas da carteira, de modo a assegurar liquidez adequada, aderência aos limites regulamentares e alinhamento à meta atuarial estabelecida.

5.1 – Destinação das Receitas

As receitas recebidas pelo FPGPREV, desde que aprovadas pelo Conselho de Administração, serão aplicadas conforme tabelas abaixo:

PLANO PREVIDENCIÁRIO

OBJETIVO	FUNDO	CNPJ
Contribuições mensais	BRADESCO FEDERAL EXTRA RESP LIMITADA FIF RENDA FIXA REFERENCIADO DI	03.256.793/0001-00
Taxa de administração	CAIXA BRASIL IRF-M 1 TÍTULOS PÚBLICOS RESP LIMITADA FIF RENDA FIXA	10.740.670/0001-06
Parcelamentos e reparcelamentos Proporção de 49,16% Aportes	CAIXA BRASIL IMA-B 5 TÍTULOS PÚBLICOS RESP LIMITADA FIF RENDA FIXA LP	11.060.913/0001-10
Compensação Previdenciária	SICREDI LIQUIDEZ EMPRESARIAL DI RESP LIMITADA FIF RENDA FIXA	24.634.187/0001-43
Outros créditos	SICREDI LIQUIDEZ EMPRESARIAL DI RESP LIMITADA FIF RENDA FIXA	24.634.187/0001-43

PLANO FINANCEIRO

OBJETIVO	FUNDO	CNPJ
Contribuições mensais	BRADESCO IRF-M 1 TÍTULOS PÚBLICOS RESP LIMITADA FIF RENDA FIXA	11.484.558/0001-06
Parcelamentos e reparcelamentos Proporção de 50,84% Aportes		
Compensação Previdenciária		
Outros créditos		

5.2 – Pagamento de Despesas

As despesas do FPGPREV, desde que aprovadas pelo Conselho de Administração, serão realizadas conforme tabelas abaixo:

PLANO PREVIDENCIÁRIO

OBJETIVO	FUNDO	CNPJ
Folha de pagamento dos inativos e pensionistas	BRADESCO FEDERAL EXTRA RESP LIMITADA FIF RENDA FIXA REFERENCIADO DI e ou BRADESCO PREMIUM RESP LIMITADA FIF RENDA FIXA REFERENCIADO DI	03.256.793/0001-00 03.399.411/0001-90
Despesas administrativas	BB IRF-M 1 TÍTULOS PÚBLICOS RESP LIMITADA FIF CIC RENDA FIXA PREVIDENCIÁRIO	11.328.882/0001-35
Compensação Previdenciária	SICREDI LIQUIDEZ EMPRESARIAL DI RESP LIMITADA FIF RENDA FIXA	24.634.187/0001-43

PLANO FINANCEIRO

OBJETIVO	FUNDO	CNPJ
Folha de pagamento dos inativos e pensionistas	BRADESCO IRF-M 1 TÍTULOS PÚBLICOS RESP LIMITADA FIF RENDA FIXA	11.484.558/0001-06
Compensação Previdenciária		

5.3 – Procedimentos Operacionais

Os valores que retornarem à conta corrente do Banco Bradesco, em razão de ausência de recadastramento, deverão ser transferidos para a conta específica da **Caixa Econômica Federal (agência 0964, conta corrente nº 000574427394-4)**, com possibilidade de aplicação automática.

Na eventual impossibilidade de movimentação pelo sistema da Caixa Econômica Federal, a operação será realizada por meio da conta corrente do Banco Bradesco, mediante resgate do fundo **BRADESCO FEDERAL EXTRA RESP LIMITADA FIF RENDA FIXA REFERENCIADO DI** e ou **BRADESCO PREMIUM RESP LIMITADA FIF RENDA FIXA REFERENCIADO DI**, devendo o valor ser posteriormente recomposto em um dos Fundos que recebam os recursos previdenciários.

Considerando a alocação dos recursos das contribuições previdenciárias no Banco Bradesco, atualmente por meio dos fundos **BRADESCO FEDERAL EXTRA RESP LIMITADA FIF RENDA FIXA REFERENCIADO DI** e **BRADESCO PREMIUM RESP LIMITADA FIF RENDA FIXA REFERENCIADO DI**, destinados ao recebimento das contribuições e ao pagamento da folha de aposentados e pensionistas;

Na hipótese de dificuldade operacional, poderão ser utilizados, alternativamente, recursos do fundo **CAIXA BRASIL IRF-M TÍTULOS PÚBLICOS RESP LIMITADA FIF RENDA FIXA LP, CNPJ: 14.508.605/0001-00**, de modo a assegurar a regularidade dos pagamentos.

O Comitê de Investimentos sugere, ainda, a aplicação automática nos fundos **CAIXA BRASIL DISPONIBILIDADES RESP LIMITADA FIF CIC RENDA FIXA SIMPLES** - CNPJ: 14.508.643/0001-55 e no fundo **BB FLUXO SOBERANO RESP LIMITADA FIF CIC RENDA FIXA PREVIDENCIÁRIO CURTO PRAZO** - CNPJ: 63.197.387/0001-38 dos recursos que, em razão de limitações operacionais ou de horários bancários, não possam ser tempestivamente aplicados nos fundos definidos nesta Ata, podendo ser mantido saldo mínimo necessário para preservação da operacionalidade do referido fundo.

Considerando:
- As contribuições previdenciárias dos servidores ativos da Prefeitura e da Câmara Municipal, referentes à competência abril/2026, repassadas até o 5º dia útil de maio/2026;
- A retenção das contribuições previdenciárias dos inativos e pensionistas do FPGPREV relativas à competência abril/2026;
- Que abril/2026 corresponde ao primeiro mês de implantação da segregação de massas prevista na Lei Complementar nº 1.055/2025;
- Que a despesa previdenciária observa o regime de competência, enquanto as receitas previdenciárias ingressam pelo regime de caixa;
- Que, em razão do fluxo financeiro, os repasses das contribuições previdenciárias da competência de abril/2026 somente ingressaram nas contas deste RPPS em maio/2026;
- Que, no momento do processamento da folha de pagamento dos inativos e pensionistas, não havia disponibilidade financeira individualizada nas contas segregadas para suportar integralmente a despesa correspondente;
- O disposto no art. 4º, inciso V, c/c art. 5º, inciso VI, ambos da Lei Complementar nº 1.055/2025;
- A necessidade de regularização contábil e financeira decorrente da implementação da segregação de massas;
Faz-se necessária a regularização da receita de contribuição vinculada ao plano financeiro, mediante a transferência no montante de R$113.014,96, correspondente às contribuições previdenciárias descontadas dos inativos e pensionistas do FPGPREV na folha de pagamento da competência de abril/2026.
A medida tem por finalidade promover a adequada vinculação dos recursos arrecadados aos respectivos planos previdenciários, assegurando a correta individualização contábil e financeira decorrente da implantação da segregação de massas.
Segue tabela contendo os valores das referidas contribuições previdenciárias segregadas:

	FINANCEIRO	PREVIDENCIÁRIO	TOTAIS
CONTRIBUIÇÃO INATIVOS	R$105.934,41	R$444.588,21	R$550.522,62
CONTRIBUIÇÃO PENSIONISTAS	R$7.080,55	R$12.585,90	R$19.666,45
TOTAIS	**R$113.014,96**	R$457.174,11	R$570.189,07

5.4 – Movimentações Estruturais

Abril de 2026 foi marcado por uma melhora no cenário global após a sinalização de cessar-fogo entre EUA e Irã, reduzindo o preço do petróleo e aumentando o apetite por risco. Nos EUA, a inflação subiu para 3,8% ao ano. No Brasil, o Copom reduziu a Selic para 14,50% ao ano, apesar da inflação seguir pressionada e próxima do teto da meta. O IPCA de abril ficou em 0,67%, acumulando 4,39% em 12 meses. O Ibovespa atingiu máximas históricas, acumulando forte valorização no ano. Na renda fixa, os títulos indexados ao IPCA tiveram destaque positivo com o fechamento das taxas longas. As perspectivas para os próximos meses dependerão principalmente da evolução do conflito no Oriente Médio e de seus impactos sobre inflação, juros e crescimento global.

I – Movimentação estratégica

Conforme deliberado na reunião extraordinária do Conselho de Administração realizada em 08/05/2026, foram efetuadas as seguintes movimentações estratégicas:
a) Resgate parcial, a partir de 11/05/2026, devido aos tramites dos horários bancários, do fundo **SANTANDER INSTITUCIONAL PREMIUM RESP LIMITADA FIF CIC RENDA FIXA REFERENCIADO DI, CNPJ 02.224.354/0001-45**, no montante de R$ 100.000.000,00 (cem milhões de reais), com posterior aplicação de:

a1) **R$50.000.000,00** no fundo **BB IMA-B 5 RESP LIMITADA FIF CIC RENDA FIXA PREVIDENCIÁRIO LP, CNPJ nº 03.543.447/0001-0**3, e;
a2) **R$50.000.000,00** no fundo **BB IDKA 2 TÍTULOS PÚBLICOS RESP LIMITADA FIF RENDA FIXA PREVIDENCIÁRIO, CNPJ Nº 13.322.205/0001-35**.
b) Resgate total do fundo **SANTANDER IMA-B 5 PREMIUM RESP LIMITADA FIF CIC RENDA FIXA, CNPJ 13.455.117/0001-01**, com realocação no fundo **CAIXA BRASIL IMA-B 5 TÍTULOS PÚBLICOS RESP LIMITADA FIF RENDA FIXA LP, CNPJ 11.060.913/0001-10**.

Considerando:

- As movimentações recentemente realizadas para proteção da carteira, conforme deliberação do Conselho de Administração em reunião extraordinária;
- A projeção do IPCA para o mês de maio/2026 em 0,50%, conforme expectativas divulgadas pela ANBIMA, indicando possível desaceleração ou estabilidade do processo inflacionário em relação ao mês anterior;
- Os resultados acumulados e atualizados até 19/05/2026 dos principais indicadores de referência da carteira, especialmente CDI, IMA-B 5, IDkA 2 Pós, IRF-M e IRF-M 1;
- O atual posicionamento estratégico da carteira, que mantém aproximadamente 20% dos recursos alocados em ativos indexados à inflação e cerca de 50% em estratégias pós-fixadas atreladas ao CDI, proporcionando equilíbrio entre proteção inflacionária, liquidez e aproveitamento do atual patamar elevado da taxa Selic;

O Comitê de Investimentos sugere, neste momento, a manutenção das atuais posições da carteira, sem realização de novas movimentações relevantes. A recomendação fundamenta-se na necessidade de consolidação dos efeitos das recentes alterações estratégicas implementadas, bem como na permanência de um ambiente de elevada incerteza nos mercados doméstico e internacional.
No cenário interno, permanecem fatores de volatilidade relacionados ao período pré-eleitoral. No ambiente externo, as tensões geopolíticas envolvendo os Estados Unidos e o Irã seguem impactando as expectativas dos agentes econômicos, especialmente em relação à inflação global, juros e comportamento dos mercados financeiros.
Dessa forma, entende-se prudente aguardar o encerramento do mês e a consolidação dos indicadores econômicos e de rentabilidade da carteira para reavaliação do cenário e eventual apresentação de novas proposições de alocação estratégica.

6) CONSIDERAÇÕES FINAIS

a) Os membros do Comitê de Investimentos participaram, desde a última reunião ordinária, da reunião virtual com representantes da Grid Investimentos, em 30/04/2026;
b) Em razão da impossibilidade de comparecimento do membro titular Sr. Ricardo Pereira da Silva, foi convocada a membro suplente Miriam Tamasiro;
c) O membro titular Sr. Cristiano de Mola participou da reunião de forma virtual;
d) Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a reunião às 12h00. Eu, Victor Lopes Schiavetti, que secretariei os trabalhos, lavrei a presente Ata, que, após lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos demais membros presentes.

VICTOR LOPES SCHIAVETTI
PRESIDENTE

CRISTIANO DE MOLA
MEMBRO TITULAR

GILMAR AUGUSTO GARCIA
MEMBRO TITULAR

MIRIAM TAMASIRO
MEMBRO SUPLENTE

VANIA MARIA DE CARVALHO SANCHEZ
MEMBRO TITULAR